

**A OCUPAÇÃO NEOCOLONIAL DA BACIA DO RIO MADEIRA
DURANTE O PRIMEIRO CICLO DA BORRACHA E A REAÇÃO DA
POPULAÇÃO INDÍGENA¹**

Francisco das Chagas Mota Medeiros²

Resumo

O presente artigo trata da ocupação neocolonial e das situações de contato com a sociedade indígena da região do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha 1850-1912. A expansão da atividade gumífera, com a consequente ocupação da terra para a constituição da unidade rural especializada no extrativismo da borracha, o seringal, ocasionou o contato e a fixação permanente do neocolono. Nos territórios indígenas conquistados a abertura dos seringais significou a necessidade da eliminação ou do afastamento dos seus antigos ocupantes. A partir das perdas ocasionadas pela invasão de seus territórios, a sociedade indígena reagiu ativa e efetivamente contra o avanço da sociedade nacional ou neocolonial na região do rio Madeira através, sobretudo. Essa reação se dava sob duas formas básicas: recusa e colaboração. A recusa era a reação violenta ao processo de ocupação, principalmente, pelos conflitos provocados por ataques, como assaltos, saques, e mortes aos neocolonizadores. A colaboração ocorria sobretudo nas missões religiosas e nas atividades da agricultura, extrativismo e navegação. Esses fatos nos revelam a importância de se buscar um olhar sobre a história da ocupação neocolonial da região do rio Madeira tendo como destaque os povos indígenas como importantes atores históricos. Assim como os neocolonizadores os índios participaram ativamente desse processo.

Palavras-chaves: Indígenas, Neocolonizador, Amazônia, Reação, Participação.

¹ Extrato da monografia sob o mesmo título elaborada para a obtenção do grau de bacharel em História pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, sob a orientação do prof. dr. Dante Ribeiro da Fonseca.

² Bacharel em História pela Universidade Federal de Rondônia – Unir, Emeio: medeirosfotografopvh@gmail.com

THE NEOCOLONIAL OCCUPATION OF THE MADEIRA RIVER BASIN DURING THE FIRST RUBBER CYCLE AND THE REACTION OF THE INDIGENOUS POPULATION³

Abstract

This article presents the neocolonial occupation and situations of contact with the indigenous society of the Madeira River region during the first cycle of rubber 1850-1912. The expansion of the gumiferous activity, with consequent occupation of the land for the constitution of the rural unit specializing in the extraction of rubber, the seringal, caused the counting and permanent fixation of the neocolon. In the conquered indigenous territories the opening of the rubber plantations meant the necessity of eliminating or removing their former occupants. From the losses caused by the invasion of their territories, the indigenous society reacted actively and effectively against the advance of the national or neocolonial society in the Madeira River region through, above all. This reaction took place in two basic forms: refusal and collaboration. The refusal was the violent reaction to the occupation process, mainly by the conflicts provoked by attacks, like robberies, looting, and deaths to the neo-colonizers. The collaboration took place mainly in religious missions and in the activities of agriculture, extractivism and navigation. These facts reveal to us the importance of looking at the history of the neocolonial occupation of the Madeira River region, highlighting the indigenous peoples as important historical actors. Like the neo-colonizers, the Indians actively participated in this process.

Keywords: Indigenous people, Neocolonizador, Amazonia, Reaction, Participation.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo o estudo da ocupação neocolonial da bacia do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha e a reação indígena que o evento provocou. A ênfase, portanto, recairá na ação do neocolono em

³ Extract of the monograph under the same title prepared to obtain a bachelor's degree in History from the Federal University of Rondônia - UNIR, under the guidance of prof. dr. Dante Ribeiro da Fonseca.

ocupar os territórios indígenas no referido rio e a reação dos nativos frente à ocupação de suas terras.

A ocupação neocolonial da região do rio Madeira durante o primeiro ciclo da borracha ocorreu, sobretudo, pelas missões religiosas, pelo extrativismo e pela navegação que, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, levou essa região a grandes transformações. Foi nesse período que se intensificou a extração da goma elástica extraída da seringueira em razão do aumento da demanda internacional. A seringueira ou *Hevea brasiliensis*, é árvore nativa encontrada em grande quantidade na região.

Os indígenas reagiram de diversas formas à ocupação neocolonial. Essa reação indígena pode ser tipificada da seguinte forma: conflitos, ou seja, recusa violenta ao processo de ocupação, principalmente, pelos ataques, como assaltos, saques, e mortes aos neocolonizadores e aos próprios índios que colaboravam com os exploradores; e na colaboração, procedimento mais pacífico que nos permite vislumbrar a aceitação da transformação do tempo histórico pelos indígenas, entendida como intercâmbio, rearticulação, recriação e estratégia de sobrevivência dos indígenas a perdas ocasionadas pela invasão de seus territórios.

Propomos o termo “ocupação neocolonial”, concordando com o que defende Fonseca (2016), que destaca sobre a ocupação tardia da Amazônia em detrimento de ocupações anteriores em outras regiões do Brasil. Sobre esse assunto o autor destaca que:

A Amazônia apresenta, muitas vezes, fenômenos que são expressões tardias de processos anteriormente experimentados em outras regiões do Brasil. O próprio início da ocupação efetiva da região pelos portugueses, que data de 1616, ocorreu mais de um século após o início da conquista europeia no litoral. Esse processo, a rigor, deveria ser chamado neocolonial, pois o início da colonização da região já havia iniciado há milhares de anos antes pelos nativos. (FONSECA, 2016 p. 12).

Tendo como ponto de vista o que defende Fonseca (2016), sobre a ocupação neocolonial amazônica, defendemos também que na região do rio Madeira, durante o primeiro ciclo da borracha, a ocupação poderá continuar a ser

chamada de “neocolonial”, porque foi durante meados do século XIX e início de século XX, que essa região foi efetivamente ocupada pelos neocolonizadores.

Enfatizamos também a importância de se buscar um olhar sobre a história da ocupação neocolonial da região do rio Madeira tendo como destaque os povos indígenas como importantes atores históricos. Assim como os neocolonizadores os índios participaram ativamente desse processo. Portanto, ao analisarmos parte da produção científica existente, destacamos que apesar do vasto material produzido sobre os povos nativos da Amazônia, inclusive no período do Primeiro Ciclo da Borracha, no rio Madeira, a reação dos povos indígenas à tomada de suas áreas para a produção da goma elástica ainda é um tema que requer uma especial atenção.

O objetivo deste trabalho é analisar esse processo, buscando demonstrar a importância de se conhecer a reação indígena nesse espaço temporal e territorial da Amazônia, suas complexidades, contradições e consequências.

1. A ocupação neocolonial da bacia do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha

A presença neocolonial da região do rio Madeira se deu a partir das expedições que percorreram essa região durante século XVIII. Barão de Marajó (1896) destaca essa presença neocolonial a partir de 1716, com João de Barros Guerra, que subiu ao rio Madeira em perseguição aos índios toras. Outras Expedições continuaram durante o século XVIII, culminando com a última expedição desse século, a comissão científica de engenheiros, matemáticos e astrônomos que percorreram a região de 1780 a 1790. (MARAJÓ, 1896, pp. 111-113).

Em artigo intitulado *Crato, Santo Antônio e o rio Madeira no contexto da economia da Borracha*, publicado em 2017, Dante Ribeiro da Fonseca destaca as primeiras tentativas de ocupação europeia na segunda metade do século XVII, a intensificação da presença colonial no século XVIII e a efetivação dessa ocupação colonial europeia, embora ainda pequena, durante o século XIX. Fonseca destaca que no século XVII, as primeiras tentativas de ocupação colonial se deram com as missões religiosas. No século XVIII, foram

as investidas repressivas e escravizadoras contra os indígenas e a prática do extrativismo ambulante e sazonal por parte dos novos povoadores coloniais. No século XIX, Crato, Borba e Santo Antônio se tornaram as principais localidades do rio Madeira. (FONSECA, 2017, pp. 75-79).

Ao analisarmos as fontes pesquisadas, observamos que o interesse neocolonial pela região do rio Madeira, data de bem antes do século XIX. Mas, atentaremos para o período do Primeiro Ciclo da Borracha porque foi durante esse período que, nessa região da Amazônia, se desenvolveram os núcleos coloniais que se transformariam em importantes localidades, vilas e cidades.

1.1 Missões Religiosas

As missões religiosas tiveram grande importância no processo de catequização dos povos indígenas no Brasil. Segundo Maria Regina Celestino de Almeida (2010):

[...] a política de aldeamentos foi essencial para o projeto de colonização. Afinal, os índios aliados eram indispensáveis ao projeto, pois além de compor as tropas militares, eles deviam ocupar os espaços conquistados e contribuir, como mão de obra, para a construção das sociedades coloniais. (ALMEIDA, 2010, p.81-82).

Durante o período do Primeiro Ciclo da Borracha, foram criadas em toda a província do Amazonas, apenas três missões, dessas, duas eram na região do rio Madeira: a Missão de São Pedro Alcântara e a Missão de São Francisco, o que demonstra a importância dada à região, também no que se refere à catequese dos indígenas.

Sobre as duas missões na região do rio Madeira, segundo o relatório de 1879, do presidente da Província do Amazonas, Barão de Maracajú, a Missão de Pedro de Alcântara, localizada à margem direita do rio, não prosperou devido, principalmente, às inundações nos tempos de cheias, enquanto que a Missão de São Francisco, localizada na margem esquerda do rio Machado, próximo à sua foz, ia prosperando no final da década de 1870, devido, sobretudo, aos sacrifícios do Reverendo Frei Teodoro de Portarara [sic] e dos índios das tribos turás e araras por serem trabalhadores dedicados a plantações de mandioca e outros artigos assim como na extração de produtos naturais.

(MARACAJÚ, 1879, p. 33).

Em relatório de 1881, o Presidente da Província do Amazonas, Satyro de Oliveira Dias, destaca a importância da Missão de Francisco:

É agora uma povoação importante com 400 indígenas; é florescente pelo seu comercio pois há ahi estabelecidos dous negociantes com um negocio annual de 15 a 16 contos de reis. A agricultura também é florescente; particularmente as plantações de mandioca são consideraveis; além da farinha precisa para o seu proprio alimento, os índios vendem annualmente mais de mil paneiros. Occupam-se tambem, na estação das chuvas, na extracção de óleo de copahiba em grande escala; além d'esto occupam-se os índios na pesca para seu sustento e fabricam montarias e algumas canôas para venderem. (DIAS, 1881, p.38).

Como destacou Dias, a Missão de São Francisco, no início da década de 1880, encontrava-se com diversas atividades produtivas, tantos de neocolonizadores como de índios.

Portanto, em se tratando das Missões Religiosas, de acordo com as fontes pesquisadas podemos destacar que, embora com grandes dificuldades, elas contribuíram para a ocupação neocolonial da região do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha. Nesse período, as missões religiosas na região tiveram importantes ocupações de neocolonizadores padres, missionários, administradores e comerciantes.

1.2 Extrativismo

O extrativismo na região amazônica durante o período neocolonial, segundo Fonseca (2004, p. 174), referindo-se ao que destaca Caio Prado Júnior (1987), foi a base quase que exclusiva da vida humana.

Destaca Fonseca que os produtos extrativistas que predominaram na região do rio Madeira foi o cacau, no baixo Madeira, durante o século XVIII, e a goma elástica, que a partir de meados do século XIX. Foi durante esse período que, segundo o autor, o extrativismo da borracha, embora também acompanhado da produção, em menor escala, de outros produtos como os da agricultura de

subsistência, por exemplo, surgiram as localidades mais antigas da região. (FONSECA, 2004, p. 214-215),

Barão de Marajó (1896), em viagem à região amazônica nos primeiros anos da década de 1890, falando sobre as localidades do rio Madeira relata o seguinte:

Outro ponto de alguma importância outrora e muita importância hoje é a Villa de Manicoré, cabeça da comarca do rio Madeira. [...] É situada na margem direita entre os rios Manicoré e Maturá, junto á foz do primeiro. Segundo refere José Galdino, teve predicamento de villa nos tempos coloniaes, em 1756. Mas embora estes dous, Borba e Manicoré, sejam os mais importantes dos centros de população do rio, em que as boas edificações começam a ostentar-se, outros há de menor importância que são: Camemã, Sapucaia, Tabocal, Santa Rosa, Baetas, Jumas, Três Casas, Missão de S. Pedro, Crato, Missão de S. Francisco, Cavalcante, Jamary e Santo Antonio. (MARAJÓ, 1896, p. 129).

O autor frisa as principais localidades do rio Madeira da segunda metade do século XIX, sendo as mais importantes, as vilas de Manicoré e Borba.

Sobre o extrativismo da borracha no Rio Madeira, Barão de Marajó (1896) observa o crescimento da produção da goma elástica durante a segunda metade do século XIX. Comparando com o registro de Silva Coutinho, em 1861, cerca de trezentos e setenta e cinco mil quilogramas de seringa produzida, Marajó destaca que essa produção mais que triplicou, chegando a variar entre um milhão e quinhentos mil a dois milhões de quilogramas. (MARAJÓ, 1896, p. 130).

Silvério José Nery, governador do Estado do Amazonas, em relatório de 1902, destaca que o Estado exportou em 1901, a maior quantidade de borracha já registrada até então: quinze milhões e oitocentos mil quilogramas, aproximadamente. (NERY, 1902, p. 377).

Esse crescimento extrativista da borracha na região do rio Madeira durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, chamado também de Primeiro Ciclo da Borracha, se deu a partir da produção que se concentrava na propriedade conhecida como “seringal”.

Sobre esse extrativismo da borracha no seringal, Fonseca (2016) lembra que: *De fato, o surto gumífero intensificou a colonização do interior amazônico ao substituir o antigo modelo extrativista nômade pelo modelo sedentário.* (FONSECA, 2016, p. 20).

Segundo Fonseca, referindo-se ao que escreveu (Marajó 1896, p. 130), sobre as características desse local, [...] *trata-se de um lugar rural e que os barracões são situados nas sedes dos seringais às beiras dos rios e que se vinculam diretamente às casas aviadoras⁴ de Belém e Manaus* (FONSECA, 2016, p. 21).

Portanto, de acordo com as fontes citadas, podemos afirmar que o extrativismo da borracha, baseado na produção do seringal, deu importante contribuição para a ocupação neocolonial da região do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha. Apesar de essa ocupação ter sido, sobretudo rural e temporária, ela serviu de referência para que se desenvolvessem na região outros meios de ocupações, ademais, alguns desses seringais também serviram de base para a fundação de núcleos neocoloniais que se transformaram em importantes cidades, como Humaitá, por exemplo.

1.3 Navegação

A navegação no rio Madeira deu importante contribuição para a ocupação neocolonial durante o Primeiro Ciclo da Borracha. Essa estrutura de navegação durante a segunda metade do século XIX em diante, passa por extraordinárias transformações. As fontes pesquisadas demonstram que o surto gumífero passou a exercer uma mudança na forma de navegação que encontrava bastante dificuldade nos barcos a vela e a remo para se transformar numa estrutura de navegação de barco a vapor.

No artigo “O Guajará e o início da navegação a vapor no rio Madeira”, publicado em 2017, Dante Ribeiro da Fonseca ressalta que {...} *Até a primeira metade do século XIX, era a navegação dos rios da Amazônia feita a remo e vela e apresentavam perigos e dificuldades de toda ordem.* (FONSECA, 2017,

4 [...] Eram estabelecimentos comerciais que despachavam mercadorias aos seringais mediante pagamento em pelas de borracha, [...] produtos agrícolas ou extrativos. (LIMA, 2011).

p.141).

Fonseca defende que a navegação a vapor cresceu junto com a demanda da goma elástica na segunda metade do século XIX, e que essas atividades contribuíram para o crescimento econômico das províncias do Pará e Amazonas, nesse período. No rio Madeira, Fonseca revela que a partir da década de 1850, cresce o interesse pela navegação a vapor nesse rio, devido ao crescimento da participação no comércio regional. Segundo o autor, em 1860, o rio Madeira contribuiu com aproximadamente 25% da renda provincial e em 1862 já participava com pouco mais de um terço de todos os produtos exportados pela província. (FONSECA, 2017, p. 140).

Notícia publicada no “Jornal Commercio” do Amazonas, em 1870, comprova o empreendimento da navegação a vapor no rio Madeira. O jornal anuncia uma viagem do vapor Madeira e que esse vapor recebe cargas, encomendas e passageiros para algumas localidades dessa região.

O vapor Madeira seguirá viagem para o rio Madeira no dia 31 do corrente as 4 horas da tarde.
Recebe carga para Santo Antonio, Cavalcante e Crato no dia 28; Juma, Baetas e Manicoré a 29; Tabocal Borba e Canuman a 30: passageiros e encomendas até ao meio dia de 31. (Commercio do Amazonas nº. 111, ano II, de 28/12/1870, p. 3).

Essa notícia nos revela que havia já então demanda substantiva de cargas e passageiros para o rio Madeira.

Barão de Marajó (1896), ao relatar sobre os pontos de paradas dos navios a vapor na região do rio Madeira, afirma que:

[...] ha muitos outros pequenissimos centros formados cada um d’elles por um negociante que alli estabelece o seu barracão com suas mercadorias, ao qual concorrem os seus freguezes, onde habitam seus familiares, tripulações das canôas em que vai negociar. Alli são estabelecidos depositos de generos e na epocha da colheita da borracha, os vapores tocam não em quinze logares mais em oitenta e noventa. (MARAJÓ, 1896, p. 130).

Portanto, é possível afirmar que, devido à grande produção de borracha da região do rio Madeira, há no período do Primeiro Ciclo da Borracha, grande movimentação no comércio, e no transporte, dentre outros, a navegação nesse

período, principalmente a navegação a vapor, contribuiu para a ocupação neocolonial dessa região amazônica, sobretudo, pelo transporte de produtos e dos próprios neocolonizadores que nessa região chegaram.

2. Sociedade indígena e seu lugar na história

Em fontes pesquisadas do campo da história e da antropologia que tem como objeto os povos indígenas observamos que, como destacou Avelino Leal (2013 p.19), abordagens clássicas como as de Euclides da Cunha e Artur Reis, ressaltaram a naturalização e vitimização dos indígenas, esses agentes teriam participado passivamente do processo histórico brasileiro.

Nas décadas de 1970 e 1980, livros como os de Roberto Cardoso de Oliveira, Edilson Martins e a publicação dos relatórios de Curt Nimuendajú, abordaram o tema da história indígena mostrando de forma pormenorizada como essa relação entre índio e “brancos” foi complexa desde o primeiro contato, passando pelos conceitos de fricção interétnica, exploração e destruição de vários povos indígenas, além de muitos conflitos entre índios e “brancos”. Essas obras fizeram aflorar o interesse sobre o tema.

Roberto Cardoso de Oliveira (1972), em pesquisa sociológica sobre os ticuna do Alto Solimões, aborda questões teóricas de fricção interétnica como característica básica de situação de contato entre índios e “brancos”. Neste sentido, Oliveira conceitua fricção interétnica *{...} enquanto situação de contato entre duas populações dialeticamente unificadas através de interesses diametralmente opostos, ainda que interdependentes, por mais paradoxal que seja.* (OLIVEIRA, 1972, p. 30). O que demonstra que em situação de contato, duas populações unificadas, ainda que interdependentes, possuem interesses opostos, mas uma se torna dependente da outra.

Outro aspecto que, a nosso ver, merece um destaque importante, é o que Edilson Martins, no livro “Nossos índios Nossos Mortos” (1978), destaca sobre o drama vivido pelo indígena brasileiro, sobretudo, devido aos massacres que o colonizador perpetró contra esses povos. Segundo o autor, esse processo está longe de se definir. (MARTINS, 1978, p. 20).

Sobre a ocupação da Amazônia, Martins destaca que o índio está no núcleo dele, e que as consequências desse processo é o desaparecimento de

muitos grupos indígenas:

Em 1900 havia no Brasil 230 grupos tribais. Na década de 50 esse número não ia além de 140 tribos. Embora as populações indígenas estejam crescendo, não ultrapassam 120 mil pessoas. [...] Segundo o professor Júlio Cezar Melatti, no seu livro “Índios do Brasil”, mais da metade dessa população está localizada na Amazônia, que abriga 94 grupos distintos, com um número calculado entre 43 e 62 mil indivíduos. (MARTINS, 1978, p. 21).

Aqui o autor faz na década de 1970, um diagnóstico da população indígena no Brasil e na Amazônia na primeira metade do século XX, e o desaparecimento de muitos desses grupos.

Ainda sobre as obras que despertaram um maior interesse pelo tema história indígena, Nimuendajú (1982) faz um amplo e importante trabalho de estudo sobre os povos indígenas do Brasil. Sobre os índios do rio Madeira, Nimuendajú descreve que [...] *se viam perseguidos pelos civilizados que lhes cercavam a aldeia, levando presos uns tantos índios para servirem de remadores aos moradores do Madeira* (NIMUENDAJÚ, 1982, p. 112).

Nesses trabalhos, podemos observar que a situação de contato entre índios e “brancos” foram temas de importantes estudos, sobretudo, no que se refere a processos de interação entre essas sociedades que levou a uma quase sempre vitimização dos povos indígenas no longo período de colonização brasileira.

Nas últimas décadas, novas abordagens vêm sendo colocadas em destaque em estudos cada vez mais ligados a interdisciplinaridade, sobretudo, entre Antropologia e História. Abordagens teórico-metodológicas ligadas à história dos povos indígenas estão deixando de lado a noção de inferioridade desses agentes e destacando a ativa participação desses povos ao longo da história do Brasil.

É o que defende Almeida (2013), quando aborda as questões das transformações indígenas do Rio de Janeiro no período colonial. A autora defende que, como novas estratégias de resistência e sobrevivência, os indígenas do Rio de Janeiro, durante o período colonial, século XVI ao século

XIX, aliaram-se aos europeus como forma de rearticulação dessas populações. (ALMEIDA, 2013, p. 23).

Noutra obra importante, “Os Índios na História do Brasil” (2010), Maria Regina Celestino de Almeida aborda o tema da participação dos povos indígenas não como meros coadjuvantes, mas como importantes atores do processo histórico brasileiro. Em seus estudos, a autora destacou que as mudanças de lugar ocupado por esse personagem nos estudos históricos possibilitaram que: *{...} a cultura, a identidade já não é mais vista com fixa, única e imutável. Ao contrário, é entendida também como construção histórica.* (ALMEIDA, 2010, p. 24).

Na região do rio Madeira, durante o Primeiro Ciclo da Borracha, da década de 1850 a 1912, de acordo com as fontes pesquisadas, podemos afirmar que os povos indígenas participaram ativamente do processo de neocolonização dessa região. Os indígenas participaram desde ataques até com a colaboração aos neocolonizadores.

É o que afirma o vice-presidente da Província do Amazonas, Manoel Gomes Correa de Miranda, em 1852. Sobre os ataques indígenas, Miranda destaca que:

[...] Dois negociantes, que navegavam para Mato Grosso foram assaltados pelos gentios da Tribo Caripuna, vendo-se obrigados a desampararem a suas canoas com todas as mercadorias, fugindo em uma montaria com o piloto, que tendo desembarcado, foi recebido com quatro flechadas, chegando a Borba em perigo de vida. (MIRANDA, 1852, p. 5).

João Severiano da Fonseca, no livro Viagens ao Redor do Brasil, 1890, destacou a importância da colaboração dos indígenas aos viajantes exploradores da região. Ao relatar sua viagem pelo Rio Madeira, apontou que:

[...] Abaixo do sítio de José Ignácio fica um ribeirão, que suponho ser o Mutum-paraná, onde viviam, a bem pouco tempo, os caripunas, mansos, outrora tão solícitos em ajudar os canoeiros nos difíceis transes dessas cachoeiras. (FONSECA, 1890, p. 292).

Assim como demonstrado nos textos acima, durante o Primeiro Ciclo da Borracha, na região do rio Madeira, da década de 1850, até 1912, várias foram às vezes que encontramos relatos de ataques e colaboração dos povos indígenas

aos exploradores da região, o que demonstra que a sociedade indígena da região do rio Madeira, participou ativamente desse processo.

3. Reação Indígena e contrarreação violenta neocolonial na região do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha

A reação dos povos indígenas ao avanço do novo colonizador durante o Primeiro Ciclo da Borracha na bacia do Rio Madeira, foi um dos mais importantes fatos históricos da história neocolonial dessa região nesse período. Isso em razão de que foi uma das regiões mais impactadas pela expansão gumífera em toda a Amazônia.

Outro fato importante que, a nosso ver merece um destaque, é a contrarreação violenta dos neocolonizadores em cima dos povos indígenas da região do rio Madeira, durante o Primeiro Ciclo da Borracha. Esses neocolonos contrapuseram-se de forma violenta à reação indígena porque, como demonstraremos adiante, seus interesses foram ameaçados por alguns grupos que não aceitavam aquela situação de ocupação e exploração neocolonial dos seus territórios e sua gente.

A reação indígena e contrarreação violenta dos neocolonizadores demonstram uma participação ativa e efetiva dos povos indígenas na formação da sociedade amazônica, que não pode ser considerada inferior à participação da sociedade nacional, tendo em vista a estratégia de sobrevivência que, embora tenham sido à custa de grande perda social e cultural, conseguiram sobreviver e tiveram contribuição importante na formação da sociedade regional.

3.1 Recusa violenta à ocupação neocolonial

Sobre a recusa violenta da sociedade indígena durante o Primeiro Ciclo da Borracha na Amazônia, foram registrados diversos conflitos entre neocolonos e indígenas na bacia do rio Madeira. Esses conflitos, embora já fossem registrados antes do século XIX, intensificaram-se durante todo período de extração da seringa, sobretudo devido à expansão da exploração dos territórios indígenas pelos novos colonizadores.

Estes ataques indígenas foram citados por Herculano Ferreira Penna, Presidente da Província do Amazonas em 1853:

Em maio foi assassinado pelos Muras no Rio Madeira um indivíduo de nome Valério Antonio, e no dia 13 de Junho succumbirão às flechadas dos Araras no Aripuaná, afluente do mesmo Madeira, o Inspetor de Quarteirão da Freguesia de Borba Belizário Zandy de Souza, e mais quatro de seus companheiros, que alli tratavam de colher drogas. (PENNA, 1853, p. 11).

Cônego Francisco Bernardino de Souza (1874), também narra sobre os ataques indígenas no rio Madeira, citando os índios parintintins, [...] *em 1860, no Crato, rio Madeira, perpetraram os Parintintins cinco mortes* (SOUZA, 1874, p. 136).

Portanto, é possível afirmar que a reação violenta dos povos indígenas aos neocolonizadores foi constante durante o período do Primeiro Ciclo da Borracha na região do rio Madeira. E que foram diversos grupos de tribos diferentes que atacaram os novos colonizadores.

3.2 Colaboração indígena com a ocupação neocolonial

A reação indígena também pode ser considerada quando esses povos colaboraram com os neocolonizadores de diversas formas. É que esse tipo de reação pode ser considerado como uma forma de estratégia de sobrevivência desses povos depois da invasão dos neocolonizadores a seus territórios.

Os indígenas colaboraram com os neocolonizadores nos aldeamentos de missões religiosas, no comércio, na navegação, na agricultura, na produção da goma elástica, dentre outros.

Nas missões religiosas o nativo participava de diversas atividades produtivas que beneficiava economicamente a província. É o que destacou em seu relatório de 1879, o presidente da Província do Amazonas, Barão de Maracajú que, ao escrever sobre a Missão de São Francisco, afirma que [...] *os índios nela aldeados eram em geral trabalhadores e dedicados na plantação de mandioca e outros artigos assim como na extração de produtos naturais.* (MARACAJÚ, 1879, p. 33).

Outra importante colaboração indígena se deu na navegação, tanto como remeiros como na ajuda na passagem dos trechos encachoeirados do rio Madeira. É o que destaca General Severiano da Fonseca (1881): [...] *conseguido subir apenas uns quarenta metros, partindo-se cabos e espias por várias vezes. Mas, que: Felizmente, e quando menos contávamos com tamanha felicidade, ao meio-dia de 2 de dezembro, vimos aportar ahi trez botes com uns cincoenta homens e trinta mulheres, índios. E com a ajuda desses índios, [...] às 4 da tarde estava nosso bote a nado.* (FONSECA, 1881, pp. 295-296).

Sobre a colaboração indígena no comércio, Bernardo da Costa e Silva (1896), descreve uma grande quantidade de índios vindo da Bolívia, sobretudo, da região do Beni, e que participava ativamente das atividades comerciais da região. [...] *É muita a quantidade de gente, n'esta ocasião, em Santo Antonio, na maioria indios bolivianos, tripulantes e seringueiros.* (SILVA, 1896, p. 198).

Como podemos observar nos textos acima, os indígenas exerciam papel importante na exploração da região do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha. A colaboração dos povos nativos se deu de diversas formas e lugares diferentes. Essa participação, embora que muitas vezes em atividades subalternas, foi ativa e efetiva no processo de neocolonização da região.

3.3 Contrarreação violenta dos neocolonizadores

Os neocolonizadores também atacavam de forma violenta os povos indígenas na região do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha. Esses ataques podem ser caracterizados como uma contrarreação aos ataques que grupos indígenas praticavam contra os luso-brasileiros.

O governador do Estado do Amazonas, Fileto Pires Ferreira, em relatório de 1897, destaca algumas contrarreações violentíssimas de neocolonizadores contra os indígenas:

A reprezalia por parte de alguns civilizados é igual senão pior aos ataques dos selvagens; não querendo encaral-os taes como são, exigindo procedimento e norma de conducta que estão em antagonismo com os seus costumes, levam a ferro e fogo tribus inteiras, provocando odio enraizado e luctas interminaveis.

A bala é respondida com a setta, a morte de um índio é muitas vezes vingada com o extermínio de famílias inteiras. (FERREIRA, 1897, p. 29).

No texto acima, o autor narra os ataques dos neocolonizadores como forma de represálias mediante aos ataques indígenas.

General Severiano da Fonseca (1881) narra um episódio de represália de neocolonizadores a índios no rio Madeira logo após a um ataque de índios caripunás. [...] *houve cruéis represálias, estando os índios desprevenidos por já não esperal-os; e desde então a tribo desapareceu.* (FONSECA, 1881, p. 293).

As fontes aqui mencionadas demonstram que os neocolonizadores usaram também da violência contra os povos indígenas no processo de neocolonização da região do rio Madeira. Estes episódios de violência foram muitas vezes represálias a ataques violentos praticados por indígenas, o que comprova que grupos indígenas não aceitavam a invasão e exploração de suas terras. Essas represálias neocolônias também demonstram a participação ativa e efetiva dos indígenas da região do rio Madeira, durante o Primeiro Ciclo Da Borracha.

Considerações finais

Em “Dos bastidores ao palco”. Almeida (2010) defende que os povos indígenas do Brasil devem deixar os bastidores para ocupar o lugar que deveriam estar, o lugar principal. Para a autora, esses povos começam lentamente ocupar lugar mais destacado no “palco da história” (ALMEIDA, 2010, p. 19).

Parafraseando Maria Regina Celestino de Almeida, defendemos ao longo desse trabalho, que os povos indígenas da região do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha devem sair dos bastidores para estarem no palco da história. Para isso, buscamos evidências empíricas que nos fornecesse elementos sólidos para tal.

Sobre os indígenas dessa região do rio Madeira e seu lugar na história, de acordo com as fontes pesquisadas para esse trabalho, concordamos com Almeida no que se refere ao lugar ocupado por eles na história do Primeiro Ciclo da Borracha. Esses povos indígenas devem ocupar lugar de destaque,

porque como demonstrado, tiveram importante participação na história neocolonial dessa região. Eles participaram ativamente nas missões religiosas, na navegação, no extrativismo, na produção da borracha, na agricultura. Essa participação, como vimos, foi tanto na colaboração como na recusa à ocupação neocolonial de suas terras.

Por fim, Sabemos que a história da participação indígena na ocupação neocolonial da região do rio Madeira durante o Primeiro Ciclo da Borracha destacada nesse trabalho ainda requer outros estudos, sobretudo, devido à diversidade e complexidade da história desses povos indígenas em contato com os neocolonizadores nessa região em transformação. Nossa intenção é colocar em discussão e fazer com que esses povos indígenas passem a ocupar cada vez mais um lugar de destaque no palco principal da história.

Fontes consultadas

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os Índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. *Metamorfoses indígenas: Identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. 2ª Edição: Editora FGV, Rio de Janeiro, 2013.

COMMERCCIO DO AMAZONAS, Manaus [Periódico], nº. 111, ano II, 28 de dezembro de 1870.

DIAS, Satyro de Oliveira. *Falla [sic] com que o exm. [sic] presidente da província do Amazonas, abriu a 2.a sessão da 15.a Legislatura da Assembleia Provincial em 4 de abril de 1881*. Manáos [sic], Typ. do Amazonas, 1881.

FERREIRA, Fileto Pires. *Mensagem do Governador do Estado, lida perante o congresso dos Representantes, por ocasião da abertura da terceira sessão ordinária em 04 de Março de 1897*. Manáos [sic]: Impresso na Typographia do Diário Oficial do Estado do Amazonas, 1897.

FONSECA, Dante Ribeiro da. *Pesca e abastecimento na colonização da Amazônia*. Belém: 2004. 507 p. 2 vols. Tese (Doutorado em Ciência: Desenvolvimento Socioambiental) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2004.

_____. *Crato, Santo Antônio e o rio Madeira no contexto da economia da borracha*. Novos Cadernos NAEA, v. 20 n. 2, maio-ago, 2017.

_____. *O “Guajará” e o início da navegação a vapor no rio Madeira*. Revista Marítima Brasileira, Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, número 01/03, volume 137, 2017.

_____. *Porto Velho: uma experiência singular no contexto da urbanização da Amazônia*. In: Porto Velho, urbanização e desafios para uma cidade

centenária. Porto Velho, Edufro - Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2016.

FONSECA, João Severiano da. *Viagem ao Redor do Brasil (1875-1878)*. Volume 2. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C., 1881.

Jornal do Amazonas, Manaus [Periódico], nº. 219, 27 de Dezembro de 1877.

LEAL, Davi Avelino. *Direitos e processos diferenciados de territorialização: os conflitos pelo uso dos recursos naturais no Rio Madeira (1861-1932)*. Manaus: 2013. 276 p. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, 2013.

MARACAJÚ, Barão de. *Falla [sic] com que o exm. [sic] presidente da província do Amazonas, no dia 29 de março de 1879 abriu a 2.a sessão da 14.a legislatura da Assembleia Legislativa Provincial*. Manáos [sic], Typ. do Amazonas, 1879.

MARAJÓ, Barão de. *As regiões amazônicas: estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de Libânio da Silva, 1896.

MIRANDA, Manoel Gomes Correa de. *Falla [sic] dirigida á Assembleia Legislativa da província do Amazonas, na abertura da primeira sessão ordinária da primeira legislatura, em 5 de setembro de 1852*. Capital do Amazonas, Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

MARTINS, Edilson. *Nossos índios nossos mortos*. Rio de Janeiro: Editora CODECRI, 1978.

NERY, Silvério José. *Mensagem lida perante o congresso dos srs [sis] representantes por ocasião da 2ª Sessão ordinária da 4ª Legislatura pelo Exm. Sr. Dr. Governador do Estado em 10 de Julho de 1902*. Manáos [sic]: Typographia da Livraria Ferreira Pena, 1903.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Textos Indigenistas*. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Índio e o mundo dos brancos*. 2. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1972.

PENNA, Herculano Ferreira. *Falla [sic] dirigida á Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas, no dia 1.o de outubro de 1853, em que se abriu [sic] a sua 2.a sessão ordinária*. Amazonas, Typ. de M.S. Ramos, 1853.

SOUZA Francisco Bernardino de (cônego). *Comissão do Madeira: Pará e Amazonas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1874.

SILVA, Bernardo da Costa e. *Viagens no sertão do Amazonas: do Pará à costa do mar Pacífico pelo Amazonas, Bolívia e Peru*. Porto: s/ed., 1891.